

Aluno (a): _____

Nº _____

PROPOSTA DE REDAÇÃO - 1ª SÉRIE:

Uma das **estruturas dissertativas** trabalhadas em sala de aula é aquela em que tratamos de **temas polêmicos**. Nela, apresentamos, no mínimo, um argumento favorável e um contrário. No fim do texto, podemos ou não escolher uma das posições para reforçá-la. Esta **proposta de redação** é sobre isso. Procure fazê-la com esmero e **valorize a argumentação** para demonstrar toda sua capacidade argumentativa. Boa produção.

Tema: “**Como evitar a proliferação da dengue?**”.

Se antes pensávamos apenas em prevenção, agora é uma guerra. Até pouco tempo, ouvíamos falar sobre a Febre Amarela, transmitida por um mosquito. Agora o mosquito transmite outra doença: a Dengue. Mesmo que seja negado pelos governantes, em alguns estados como o Rio de Janeiro, temos uma verdadeira epidemia. Tudo isso piora mais ainda quando pensamos que os doentes estão à mercê da saúde pública.

De quem é a culpa nesse caso? Em qual esfera do governo estão os culpados? Será que não somos nós mesmos que não erradicamos os focos e muitas vezes impedimos a entrada dos agentes de saúde (cerca de 40% deles foram barrados nos portões) que tinham como objetivo destruir os ovos do mosquito?

Para os textos do ENEM é preciso apresentar uma proposta de solução, conforme instruções repassadas.

Leia a coletânea abaixo, observe as instruções e desenvolva seu texto.

TEXTO I

A ação mais simples para **prevenção da dengue** é evitar o nascimento do mosquito, já que não existem vacinas ou medicamentos que combatam a contaminação. Para isso, é preciso eliminar os lugares que eles escolhem para a reprodução. A regra básica é não deixar a água, principalmente limpa, parada em qualquer tipo de recipiente. Como a proliferação do mosquito da dengue é rápida, além das iniciativas governamentais, é importantíssimo que a população também colabore para interromper o ciclo de transmissão e contaminação. Para se ter uma ideia, em 45 dias de vida, um único mosquito pode contaminar até 300 pessoas.

TEXTO II

A **dengue é uma doença infecciosa** aguda cujo vírus é transmitido pela picada de mosquitos urbanos do gênero Aedes, parecido com o pernilongo. Segundo a Superintendência de Combate a Endemias (Sucen) de São Paulo, qualquer pessoa pode contrair a dengue.

Há quatro tipos de dengue, mas os mais comuns no Brasil são os 1 e 2. “O tempo de incubação da doença tipo 1, 2, 3 e 4, varia de cinco a sete dias, podendo ser um pouco mais ou menos dependendo do caso”, afirma o infectologista Davi Uip. A Sucen identificou casos do tipo 1 em Mato Grosso, Tocantins, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás. Do tipo 2, em Minas Gerais, Maranhão, Bahia e Ceará. Já o Rio de Janeiro, registrou a dengue dos dois tipos (1 e 2).

O mais perigoso dos tipos de dengue é o tipo 3, que provoca a dengue hemorrágica. Os sintomas iniciais são os mesmos da dengue comum. A diferença é que, quando a febre acaba, começam a surgir sangramentos, a pressão cai, os lábios ficam roxos. A pessoa sente fortes dores no abdome e alterna sonolência com agitação. Se não tratada nos primeiros estágios, a dengue hemorrágica pode levar à morte.

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 2ª SÉRIE:

Apartir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da língua portuguesa sobre o tema “**PORTADORES DE DOENÇAS RARAS NO BRASIL ENFRENTAM DIFICULDADE COM TRATAMENTO DURANTE A PANDEMIA**”. Apresente proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

Pesquisa revela que 67,9% de 1.466 entrevistados portadores de doenças raras no Brasil tiveram consultas de genética médica e terapias de reabilitação adiadas ou canceladas em 2020.

No Dia Mundial das Doenças Raras, celebrado neste domingo (28), os relatos são de falta de atendimento médico e descontinuidade dos tratamentos. Mas também de esperança, nos depoimentos de quem convive com esse tipo de problema.

Uma pesquisa feita pelo Observatório de Doenças Raras da Universidade de Brasília (UnB), em parceria com o Hospital das Clínicas de Porto Alegre da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), constatou que 995 pessoas (67,9%) – de um universo de 1.466 entrevistados pelo Brasil –, tiveram as consultas de genética médica e terapias de reabilitação adiadas ou canceladas por causa da pandemia.

A pesquisa foi feita entre 1º de junho e 5 de junho de 2020. Do total, 1.372 pessoas com alguma doença rara (93,6%) não saíram de casa ou saíram apenas quando necessário.

Destes, apenas 624 (42,5%) tiveram acesso às informações necessárias para superar dificuldades e "se sentir menos ameaçado, solitário e deprimido", revela pesquisa.

A pandemia por SARS-CoV-2 na comunidade brasileira de doenças raras: uma pesquisa desde a perspectiva do paciente

A pandemia por COVID-19 levou à reorganização do sistema de saúde priorizando o combate ao vírus

Impacto na comunidade brasileira de doenças raras*?

* Aquelas que afetam, no máximo, 65 entre 100.000 pessoas

Questionário online



- 52 perguntas adaptadas da

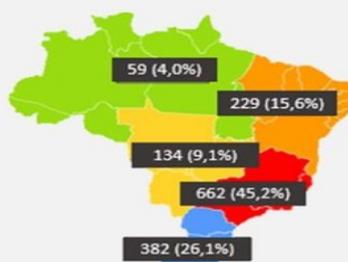


- Para pacientes brasileiros com doenças raras e seus cuidadores
- Entre 1 junho e 5 julho de 2020

1.466 participantes (53,3% menores de 18 anos)

Pacientes = 493 (33,6%)

Cuidadores = 973 (66,4%)



192 Doenças raras

Fenilcetonúria	95 (6,5%)
Porfirias	83 (5,7%)
Glicogenoses hepáticas	81 (5,5%)
Atrofia muscular espinhal	80 (5,5%)
Mucopolissacaridoses	66 (4,5%)
Hiperplasia adrenal congênita	47 (3,2%)
Síndrome de Prader-Willi	47 (3,2%)
Ataxias	45 (3,1%)
Fibrose cística	40 (2,7%)
Doença de Gaucher	33 (2,2%)
Síndrome de Williams	31 (2,1%)
Osteogênese imperfeita	30 (2,0%)
Outras (180)	788 (53,8%)

Distanciamento social		Interrupção de cuidados à saúde		Telemedicina
1.372 (93,6%)	1.321 (90,1%)	1.042 (71,1%)	995 (67,9%)	1.026 (70%)
Não saíram de casa ou saíram apenas para atividades essenciais	Usaram sempre máscara ao sair de casa	Consultas com médico geneticista	Terapias de reabilitação	Tiveram experiência 68,3% A consideraram boa
Acesso à informação; capacidade de superar dificuldades; percepção de ameaça, sentimentos de solidão e depressão				
O panorama foi mais positivo para participantes com erros inatos do metabolismo (n= 624, 42,5%)				

Pesquisa com 1.466 portadores de doença rara no Brasil — Foto: Observatório de Doenças Raras da UnB/ Reprodução

Com o risco de os pacientes irem até os hospitais, os centros de referência do país criaram serviços de teleconsulta. "Apesar disso, mais de 70% das pessoas que a gente perguntou tiveram dificuldade de acessar o serviço", conta Natan Monsores de Sá, coordenador do observatório e PhD em Bioética.

"Entre os motivos, está a falta de acesso a celular com internet", diz a pesquisa.

O estudo foi publicado na revista científica American Journal of Medical Genetics. "Com a pandemia teve um apagão de serviços, infelizmente. Isso porque grande parte dos recursos que iam para pacientes com doenças raras foram para tratamento da Covid-19. Encarar todo o contexto de risco de contaminação também não foi e não está sendo fácil", conta Natan.

4 mil novos pacientes por ano

Segundo Natan Monsores de Sá, entre 4 mil e 6 mil famílias procuram os serviços de genética das redes de tratamento no DF todos os anos. Isso significa que pelo menos 4% da população têm alguma doença rara.

"Em média, são 4 mil novos pacientes por ano", diz o pesquisador.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) as doenças raras afetam 65 mil pessoas em um grupo de 100 mil indivíduos, ou seja, 1 a cada 2 mil pessoas. A estimativa, até o ano passado, era que o Brasil tem cerca de 15 milhões de portadores de doenças raras.

DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/02/28/dia-mundial-das-doencas-raras-pacientes-enfrentam-dificuldades-com-tratamento-durante-pandemia.ghtml>. Acesso em: 28.02.2021. (Adaptado)

TEXTO II

A Covid-19 e as sequelas em pacientes com Doenças Raras

(...) Com a Covid-19, o medo, as dúvidas acerca dessa pandemia assustaram ainda mais esse grupo de pacientes. “Além da doença propriamente dita, temos as sequelas causadas pela Covid associadas as comorbidades dos pacientes com doenças raras, que ainda são incertas. A lista de sequelas que o coronavírus pode causar são inúmeras”, comenta a gestora do Instituto Buko Kaesemodel, Luz María Romero.

Segundo Luz María, os pacientes com doenças raras, possuem em geral, quadros crônicos e multissistêmicos, e muitas doenças são pouco conhecidas pela classe médica como um todo. “A síndrome do X Frágil, por exemplo, é considerada como Doença Rara. Como apresenta muitos sintomas e sinais diferenciados, acaba dificultando a definição do quadro clínico de pessoas acometidas por ela”, explica. Por essa razão, muitos são diagnosticados com Autismo, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade), Síndrome de Asperger entre outros.

Com o aumento de casos nos últimos meses, o Instituto Buko Kaesemodel já recebeu a demanda de familiares com filhos com a Síndrome do X Frágil necessitando de atendimento em hospitais. Muitas pessoas com a Síndrome do X Frágil fazem uso de medicamentos que causam interações medicamentosas, e muitos ainda, possuem grande dificuldade na comunicação. Por isso, nossa orientação é que sempre os responsáveis estejam junto no momento do atendimento, alertando os profissionais sobre as condições do paciente”, alerta Luz María. (...)

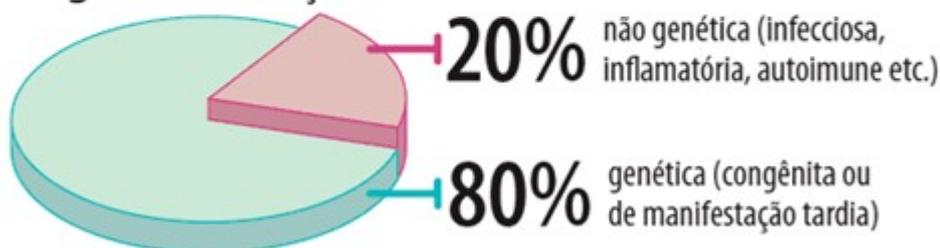
Texto III

Raras, mas não tanto

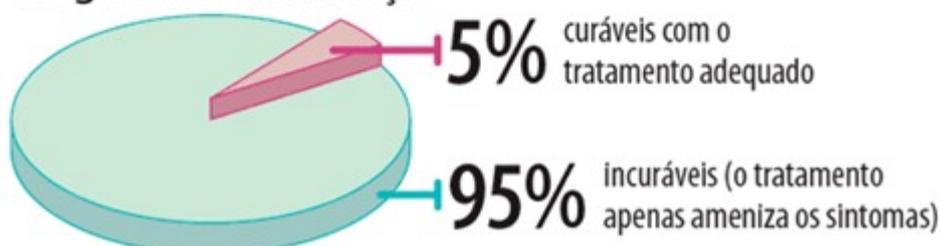
Uma doença é classificada como rara quando atinge no máximo 2 pessoas a cada grupo de 3 mil indivíduos, não tem cura ou é de tratamento muito difícil

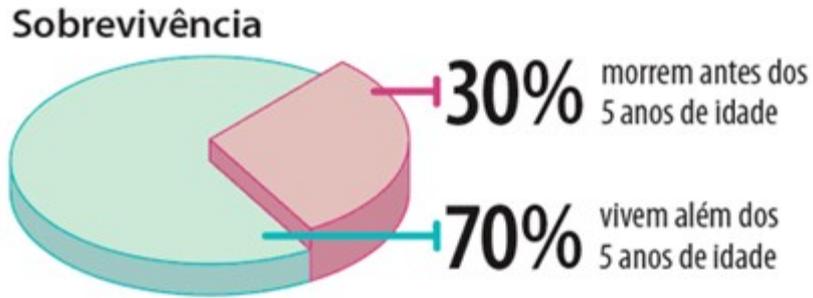
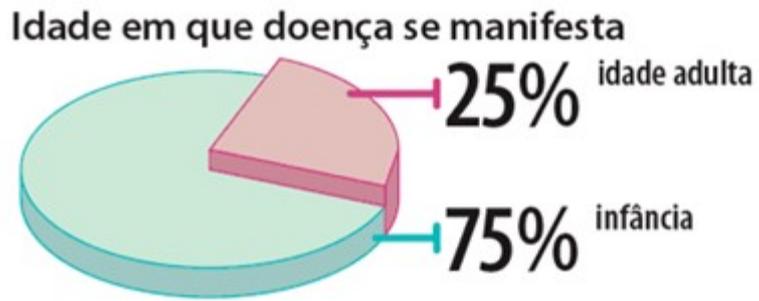


Origem da doença



Prognóstico da doença





Fonte: Ministério da Saúde, 2018